

ILANA, SEU OFÍCIO, SUA ARTE

Gustavo Giometi

Bacharel em Direito e

Graduando Depto. de História – FFLCH/USP

Minha convivência com a Profa. Ilana não foi longa. Ela se deu por conta de seu curso de História do Brasil Colonial I, no qual me matriculara por sugestão de muitos colegas. Apesar do pouco tempo, tive certeza, desde o começo, que estava diante de uma pessoa singular. Lembro-me exatamente de como Ilana entrara na sala de aula pela primeira vez, introduzindo o curso pelo comentário de cada um dos livros indicados na vasta bibliografia do programa. Lembro-me bem da última aula, já avançado o mês de julho por conta de uma greve que se iniciara em meados daquele período letivo, Ilana a esboçar um sorriso de satisfação, não somente pela empreitada cumprida, mas sobretudo pelo convívio com seus “queridos alunos” – como ela sempre fazia questão de afirmar.

As aulas de Ilana conjugavam opostos. Ela certamente as preparava minuciosamente. No entanto, uma vez iniciada a exposição, era como se estivéssemos presenciando o desencadeamento de algo maior, de dinâmica própria que, embora indiscutivelmente sob sua condução, também a envolvia, transcendia e clamava pelos alunos. Abria-se sempre com as questões teórico-metodológicas, fundamentais, segundo Ilana, para o devido tratamento de qualquer temática das humanidades. Já na abertura, o instrumental teórico era historicizado e cada matriz passava a ser melhor compreendida diante do quadro social do qual resultara. Os autores eram contextualizados no imaginário e no material de suas épocas. Isto não significava, porém, que Ilana fechasse as portas para o que houvesse sido ruptura; ao contrário,

autores e teorias que representassem “quebras” eram ainda mais explicitados. A interlocução entre matriz teórica e contexto histórico não se mostrava como que presa numa “camisa-de-força”. Nesse sentido, restava muito espaço ao pessoal, ao indivíduo na sua interação com o momento vivido.

A fala de Ilana ia desenhando quadros. Terminado um primeiro, passava-se ao próximo, e assim sucessivamente. Ao final, todos surgiam exaltados em suas cores, explicitados em suas contribuições ao debate da historiografia. Havia movimento em tal desenho e, nele, nós, os alunos, íamos ficando aprisionados. Por vezes, confesso, sentime aborrecido ao ver um colega levantar o braço – era como se ele estivesse pronto a interromper o movimento pessoalíssimo de um artista. Ilana, no entanto, interrompia imediatamente a “pintura” e, com um largo sorriso, dizia “Pois não?”. Antes de dar a resposta, fazia questão de saber o nome de quem perguntara. Já em meadas do semestre, tratava toda a turma pelos seus nomes. Os mais chegados, pelos apelidos.

Ilana aparecia, em toda a aula, com uma sacola cheia de livros. Tinha com eles uma relação de enorme respeito, admiração e crítica. Gandavo, Brandão, Antonil, nas leituras em sala de aula, pareciam estar ali, ao nosso lado. Lembro-me, particularmente, da leitura de um dos *Sermões do Rosário*, Ilana com o texto nas mãos, o enlevo na voz da Professora a nos descortinar as comparações de Vieira entre o engenho e a crucificação. Leitura tão pessoal, em ritmo perfeito, a cadência a fazer vibrar as imagens contidas na magistral obra. Ao final, Ilana conseguia o maior dos feitos a um professor: inspirar os alunos, suscitar-lhes o gosto pelo próprio texto, a vontade de ir às fontes, buscar por si próprios o conhecimento. Se a leitura tinha esta função, a de inspirar os alunos, bem como mapear o que fôra dito na parte teórica da aula, Ilana a fazia não somente por isto. Era a leitura pela leitura, fonte de arrebatamento.

Os livros trazidos em sala de aula, com o avanço do Curso e a necessidade da escrita de um trabalho final, iam desaparecendo. Ilana os emprestava aos alunos. Recebi dois deles, cheios de suas anotações pessoais. Era didática até nisso, no desprendimento que lhe norteava todas as ações: dizia que nossa geração, a geração de seus “queridos alunos”, precisava aprender a não ser tão individualista. Em conformidade com o que expunha em suas falas, agia. E justificava-se: de nada adianta protestar contra tanto

individualismo; é preciso sobretudo criar-lhe uma prática antagônica, sobrepor-lhe uma ação que lhe ceife as bases na concretude dos atos do cotidiano.

O cotidiano, aliás, era marca fundamental nas suas aulas. As longas estruturas eram sempre trazidas ao tempo do cotidiano, em que se situavam as ações humanas, a rotina diária. As categorias explicativas – patrimonialismo, patriarcalismo, o sistema de *plantations*, etc. – só faziam sentido como medida de significação para o dia a dia. Os seres humanos, com suas angústias e alegrias, encontravam-se ali, na labuta diária. Sua história resgatava-os. Daí que, como dizia, as teorias deveriam voltar-se sempre ao tempo curto porque era ali que a vida se processava.

Desta forma, os quadros que iam explicando a Colônia eram postos em diálogo permanente com o nosso próprio presente. Seu método descortinava o passado com vistas ao entendimento da atualidade e a possibilidade de uma atuação mais consciente nesta última. Sua história, portanto, não se encastelava num tempo simplesmente perdido, já vencido. Não estudava e ensinava o passado por mero diletantismo: Ilana preocupava-se com as conseqüências daquelas práticas para o tempo presente. Se amava a Colônia por sua história, amava-a também e sobretudo porque ela permitia-lhe entender o tempo em que a sua própria vida se processava.

Gostaria ainda de mencionar um episódio ocorrido ao longo daquele semestre. Fôra decidida uma greve e um abraço simbólico ao Departamento. Realizado o ato, terminada a greve, quando as aulas já haviam sido retomadas, encontrava-me na sala conversando com colegas a respeito do movimento. Ilana nos encontrou em certo desânimo, julgávamos insatisfatórios os resultados obtidos. Tenho pessoalmente para mim que ela também julgasse. Não obstante, pronunciou-se energicamente em favor da celebração do êxito, ainda que aquém de nossas expectativas. Segundo Ilana, nunca deveríamos nos lamentar de uma luta empreendida e de uma vitória alcançada, por menor que ela fosse. Deveríamos, isto sim, tratar de inscrever e celebrar nossas vitórias nas esferas da consagração, do “já alcançado” e, então, partir dali para frente, visando a novos objetivos, a novos desafios. Confesso que não entendi, àquela altura, suas palavras. Julguei-as otimistas demais. Hoje, no entanto, mais amadurecido, entendo a magnitude e a contundência das mesmas. Ilana

se referia à própria construção da memória, à construção de representações que devem também ser por nós erguidas no imaginário, a guiar e estimular os que virão no tempo futuro.

Sinto-me privilegiado por ter participado daquele curso. Estava diante de uma professora que fazia do seu ofício uma arte. Em alguns momentos, desceu às minúcias da história da Colônia, em outros parecia planar sobre o objeto de sua atenção, observando-o do alto, atitude que lhe permitia uma perspectiva diferenciada na aproximação da temática em foco. Somente alguém com perfeito domínio da técnica pode se permitir tal variação.

Os orientais propõem, em adágio milenar, que se “entre pela técnica e se saia da técnica”. Ilana conseguia isto em suas aulas. Uma vez iniciado o movimento, ele se tornava algo maior, que envolvia a todos – a nós, seus alunos, e a ela própria. Neste momento, ela estava totalmente individuada, em consonância com sua própria *bliss*, com o enlevo de sua vida. Neste momento, via-a como aquele raro *jazzista*, que, tendo atingido tanto refinamento, fica absorto na própria música e se permite improvisar. Nós, seus alunos, presenciamos isto: arte. Na transmissão do conhecimento. Na explicação da Colônia. E quando se presencia tal momento, o instante raro da criação artística, só se pode sentir-se realmente um privilegiado.